

ANAIS DO MOMENTO CIENTÍFICO DA IFMSA BRAZIL

https://doi.org/10.29327/5472656

IFMSA Brazil

COMISSÃO CIENTÍFICA

Coordenação

Giulia Carvalhal de Almeida Cordeiro
Janaína de Oliveira e Castro
Jessica Vanina Ortiz

Membros

Adolfo Moraes de Souza
Alessandro Pasco Filho
Amanda Leal Lopes
Ana Beatriz da Silva Santos
Ana Paula Figueiredo Teixeira
Caroliny Hellen Azevedo da Silva
Diego Rayan Teixeira de Sousa
Gabriel Moreira Lino
Giovanna Beatriz Mota da Silva
Gustavo Akira Nunes Nagase
Haylla Myrelly Silva Leite
Juan Luka Dias Mota
Lara Omena Mendes
Liliany Mirelly Bezerra Alves
Luana Schlindwein Imhof
Maria Eduarda Kobayashi Teixeira
Maria Isabel Monteiro
Márcio César Ribeiro Marvão
Narottam Sócrates Garcia Chumpitaz
Natália Gonçalves Bernardi
Vinícius Carvalho de Oliveira
Gilmar Erzinger
Januária Ramos Pereira Wiese
Luciano Henrique Pinto
Paulo França
Roseneide Campos

SUMÁRIO

A PREVALENCIA DOS CASOS DE HIV NA CIDADE DE BELEM, PA NO PERIODO DE 2018 A 2022 ..... **5**

ANALISE EXPLORATORIA DA MORTALIDADE HOSPITALAR POR PNEUMONIA NO ESTADO DO PARA (2018-2022) **6**

APLICAÇÃO DA TERAPIA COM REALIDADE VIRTUAL NO TRATAMENTO DA DOR EM MEMBRO FANTASMA **7**

APLICAÇÃO DO METOTREXATO NO TRATAMENTO DA GRAVIDEZ ECTÓPICA **8**

ASSOCIAÇÃO DA MASSA MAGRA E GORDURA CORPORAL SOBRE OS NÍVEIS DE APOA E APOB EM CRIANÇAS COM DIABETES MELLITUS TIPO 1 ..... **9**

AVALIAÇÃO DO EFEITO DA RESPIRAÇÃO DIAFRAGMÁTICA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM ASMA ENSAIO CLÍNICO RANDOMIZADO E CONTROLADO **10**

BOUBA - A INFECÇÃO TROPICAL NEGLIGENCIADA **11**

CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE QUEIMADURAS - PERSPECTIVAS TERAPÊUTICAS E PROGNÓSTICO **12**

HABILIDADE DE COMUNICAÇÃO DOS ACADÊMICOS DE MEDICINA DO EXTREMO NORTE DO PAÍS EM LIBRAS **13**

HANSENÍASE NO ESTADO DO AMAZONAS DE 2013 A 2022 - UM ESTUDO ECOLÓGICO **14**

IMPACTO DA VACINAÇÃO SOBRE A TAXA DE MORTALIDADE POR COVID-19 NO PARANÁ - ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO **15**

INCIDÊNCIA DE CARCINOMA E ADENOCARCINOMA EM EXAMES CITOPATOLÓGICO DE COLO DE ÚTERO ENTRE 2015-2022 NO BRASIL **16**

MAPEAMENTO DE CASOS DE DOENÇA DE CHAGAS AGUDA POR TRANSMISSÃO VETORIAL NO BRASIL APÓS A CERTIFICAÇÃO DE ÁREA LIVRE DE TRANSMISSÃO POR TRIATOMA INFESTANS **17**

SUMÁRIO

O ESTIGMA DO PRECONCEITO CONTRA A COMUNIDADE LGBTQIA+ E SUA RELAÇÃO COM A TRANSMISSÃO E EPIDEMIA DE MONKEYPOX **18**

O PROTAGONISMO DA ARTETERAPIA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL DE JOVENS PARTICIPANTES DE UM PROJETO DE EXTENSÃO **19**

OBESIDADE DE INÍCIO RÁPIDO, DISFUNÇÃO HIPOTALÂMICA, HIPOVENTILAÇÃO E SÍNDROME DE DESREGULAÇÃO AUTONÔMICA (ROHHAD) COMO DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL DE OBESIDADE PEDIÁTRICA **20**

PERFIL DE CASOS DE TUBERCULOSE NO AMAZONAS DE 2013 A 2022- UM ESTUDO ECOLÓGICO **21**

SUICÍDIO NO ESTADO DO PARA-ANALISE DA TENDENCIA TEMPORAL ESTRATIFICADA POR RISCOS **22**

USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO TRATAMENTO DA OSTEOPOROSE **23**

A PREVALÊNCIA DOS CASOS DE HIV NA CIDADE DE BELÉM, PA NO PERÍODO DE 2018 A 2022

MARINA AROUCK GABRIEL SIMÕES[1]
CARLA BEATRIZ JALES DA SILVA[1]
BÁRBARA FERREIRA PEREIRA[1]
BRUNA RAQUEL DOS SANTOS NEGIDIO[1]
JÉSSICA PAIVA RAMINHO[1]
ANTÔNIO DE MATOS LIMA NETO[2]

1. *Discente do Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ)*
2. *Médico e professor do Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ)*

Palavras-chave: Endometriose; Internações; Custo Financeiro; Saúde da Mulher.

Introdução: o Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH ou HIV) é um lentivírus que está na origem da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), uma condição em seres humanos na qual a deterioração progressiva do sistema imunitário propicia o desenvolvimento de infeções oportunistas. A infeção com o VIH ocorre na transferência de sangue, sémen, lubrificação vaginal, leite materno entre outros. No Norte, especificamente, Belém é a terceira capital brasileira com o maior número de pessoas vivendo com HIV. Isso mostra a relevância de estudar a prevalência desses casos, visto que deixa evidente as insuficiências municipais no âmbito da saúde da população, principalmente, de baixa renda.

Objetivo: Descrever, analisar e apresentar a prevalência dos casos de HIV na cidade de Belém do Pará, no período de janeiro/ 2018 a dezembro/ 2022.

Metodologia: Foi realizado um estudo descritivo, retrospectivo e quantitativo por meio da obtenção de dados do sistema de informações de agravos de notificação (SINAN/DATASUS), pelo sistema da ferramenta Informações em Saúde (TabNet). Os dados foram armazenados e tabulados no programa Microsoft Office Excel.

Resultados: Entre os 848 casos encontrados após análise do período avaliado, encontra-se os anos de 2018 com 291 casos (34,31%), 2019 com 192 casos (22,64%), 2020 com 103 casos (12,14%), 2021 com 171 casos (20,26%) e o ano de 2022 com 91 casos (10,73%), sendo o ano de 2018 e 2019 com casos mais incidentes nesses últimos 4 anos do período investigado.

Discussão: Quando se trata da prevalência dos casos de HIV em Belém, Pará é imprescindível ressaltar que a epidemia do HIV se alastra primeiro nos grandes centros, onde justamente se encontram indivíduos com maior vulnerabilidade, para, então se disseminar para as partes interioranas, o que torna-se é explicito que a aglomeração urbana e o déficit municipal na assistência à saúde são umas das causas da persistência desse quadro. Não obstante, as áreas periféricas da cidade de Belém possuem moradores que, na maioria dos casos, são de baixa escolaridade e baixa instrução, estão mais sujeitas a serem portadoras de HIV. Nesse sentido, demostra-se que a continuação de tais casos de HIV no município mesmo que seja de forma mais acentuada em alguns anos, como o de 2018, e que seja de forma menos acentuada , como o de 2022, provém da necessidade de educação em saúde sexual com técnicas adequadas para que esse público alvo possa se prevenir com mais eficiência.

Conclusão: Concluímos que em Belém os casos de indecência sobre o vírus do HIV são enormes. Sendo que a epidemiologia do vírus mostrou que, pessoas de baixa renda, com baixa escolaridade, homens de 18 aos 34 anos, de pele negra foram as mais atingidas entre os anos analisados. Portanto, vemos a relevância da equipe multiprofissional no tratamento para que não ocorram doenças oportunistas ligadas à AIDS. Diante disso, pontua-se a importância da pesquisa e dos estudos sobre o vírus HIV em Belém do Pará para contornar a situação sobre os casos de epidemia, levando o cuidado e suporte para as pessoas que já estão com o vírus.

ANÁLISE EXPLORATORIA DA MORTALIDADE HOSPITALAR POR PNEUMONIA NO ESTADO DO PARÁ (2018-2022)

JULIANA DA COSTA LIMA[1]
RENAN MIRANDA CORRÊA[2]
RAFAELA OLIVIA SANTOS[3]
TATIANE CARINTA DE SOUZA[3]
RAPHAEL KERBER ALMEIDA[4]

1. *Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ)*
2. *Universidade Estadual do Pará (UEPA)*
3. *Universidade Federal do Pará (UFPA)*
4. *Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA)*

Palavras-chave: Pneumonia, Mortalidade Hospitalar, Epidemiologia.

Introdução: A pneumonia é uma doença inflamatória que acomete os pulmões, frequentemente associada a quadros infecciosos, ocasionada por variados agentes etiológicos. A pneumonia pode ser adquirida em meio à comunidade (PAC) ou em ambientes hospitalares (nosocomial). A pneumonia hospitalar se manifesta 48h após a internação, apresentando, geralmente, prognósticos mais negativos, ocasionando elevadas taxas de mortalidade.

Objetivo: Analisar a variação da taxa de mortalidade hospitalar por pneumonia no estado do Pará em porcentagem, entre os anos de 2018 e 202**2.**

Metodologia: Os dados foram coletados do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde, referentes ao período entre Janeiro de 2018 e Dezembro de 2022. Foram realizadas análises trimestrais, ou seja, para um total de 20 trimestres. Nas análises anuais, foram utilizados os dados mensais. Utilizou-se o software BioEstat versão 5.3 para gerar as análises estatísticas.

Resultados: A maior mortalidade foi relatada no segundo trimestre de 2020 (7,90%), e a menor foi no segundo trimestre de 2019 (3,42%). A média durante todo o período foi de 5,32%, e o desvio padrão foi 1,154. O teste de regressão linear evidenciou ligeira tendência de crescimento, com coeficiente de correlação igual a 0,281 e R2 igual a 0,079 (p = 0,228). A nível anual, houve forte tendência crescente em 2018 (rs = 0,734; p = 0,006), fraca tendência crescente em 2019 (rs = 0,262; p = 0,409), moderada tendência crescente em 2020 (rs = 0,370; p = 0,235), moderada tendência decrescente em 2021 (rs = -0,419; p = 0,174) e moderada tendência decrescente em 2022 (rs = -0,346; p = 0,269). O ano com maior média de mortalidade foi 2021 (6,42%) e a menor foi relatada no ano de 2019 (4,27%).

Discussão: O crescimento da mortalidade está ligado a um conhecido aumento na resistência bacteriana, resultado do mal uso de antibióticos, ocasionando falhas no tratamento que culminam em maior letalidade.4 Percebe-se também que 2020 e 2021 apresentaram taxas excepcionalmente elevadas de mortalidade, fato que pode ser explicado pela então emergente pandemia de Covid-19, levando a um aumento expressivo nos casos de pneumonia viral grave.Comparado à taxa nacional, nota-se que a mortalidade regional é surpreendentemente menor (5,32% < 10,70%).3 Segundo Ferraz, a população jovem do Norte explica essa diferença; ao corrigir o coeficiente de mortalidade por idade, o valor aproxima-se da média nacional, porém ainda continua baixa, somente maior que o Nordeste. Também vale ressaltar a subnotificação de mortes, especialmente pelo não detalhamento da causa do óbito por profissionais de saúde.

Conclusão: É possível notar que o uso inapropriado de antibióticos de largo espectro contribuiu para o aumento considerável na taxa de mortalidade hospitalar. Ademais, a pandemia do Covid-19 agravou esse quadro, com taxas de mortalidade expressivas nos trimestres de 2020 e 2021. Assim, faz-se essencial a antibioticoterapia racional, evitando pressão seletiva a longo prazo e mapeamento em cada hospital de patógenos resistentes. Nesse cenário, o Centro de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) tem um papel fundamental na identificação e prevenção de casos de resistência bacteriana.

APLICAÇÃO DA TERAPIA COM REALIDADE VIRTUAL NO TRATAMENTO DA DOR EM MEMBRO FANTASMA

SOPHIA CAVALCANTE MITIDIERI[1]
CAROLINE GOUVEIA BORBA E SOUZA[1]
FELIPE ELETO OLIVEIRA DOS REIS[1]
JOANNE CONCEIÇÃO MARTINS ARAGÃO COSTA DIAS[1]
MARCOS CAUÃ SENA DE ANDRADE[1]
MALONE SANTOS PINHEIRO[2]

1. *Discente de Medicina da Universidade Tiradentes (UNIT)*
2. *Docente de Medicina da Universidade Tiradentes (UNIT)*

Palavras-chave: Membro Fantasma; Realidade Virtual; Dor Crônica.

Introdução: A dor em membro fantasma (DMF) é caracterizada por ser neuropática e crônica, advinda de amputações ou lesões por avulsão do plexo braquial, sendo resultante da ausência de correspondência entre comandos motores e feedback proprioceptivo e visual do membro amputado. Sob esse prisma, as terapias não farmacológicas para DMF atuam fornecendo o feedback visual do movimento para eliminar esse desbalanceamento entre a visão e o sistema somatossensorial. Com isso, a utilização da realidade virtual (RV) no tratamento dessa neuropatia foi idealizada seguindo o princípio de combinação de imagens geradas por computador com sensação de movimento, a fim de reduzir a intensidade dolorosa.

Objetivo: Analisar a literatura acerca da aplicabilidade e eficácia da terapêutica com RV no tratamento da DMF.

Metodologia: Trata-se de uma revisão sistemática de literatura mediante a buscas nas bases de dados Scielo, Pubmed e Medline. Para a pesquisa, utilizaram-se os descritores "Phantom Limb" e "Virtual Reality" combinados com o Operador Booleano "AND", somando-se 94 artigos. Com o recorte temporal de 2019 a 2023 e seleção dos idiomas português e inglês, excluindo-se os artigos que não estão disponíveis gratuitamente, foram escolhidas sete obras.

Resultados: Dos estudos analisados, 85,71% demonstraram boa eficácia do tratamento com RV em comparação às formas convencionais de manejo. Contudo, 14,29% não identificaram diferenças significativas. Além disso, 14,29% relataram efeitos adversos durante a utilização do aparelho de RV, como traumas cranianos leves e vertigem. Outrossim, 28,57% apontaram o custo elevado do equipamento como uma limitação à implementação dessa terapêutica.

Discussão: Mediante ao exposto, é possível verificar que a alta eficácia do tratamento está relacionada à sensação de corporificação do membro fantasma promovida pelo uso da RV em primeira pessoa, visto que o paciente controla o seu avatar virtual, que possui o membro intacto e em movimento, o que promove redução da incompatibilidade entre comandos motores e feedback visual do membro amputado, de modo que o paciente ganha senso de controle sobre o membro fantasma a partir da restauração da representação prejudicada do membro, reduzindo a sensação dolorosa. Isso é aprimorado com a utilização de sensores magnéticos para rastreio de movimento fixados na região distal da porção residual do membro amputado, os quais proporcionam maior sensação de controle dinâmico. Ademais, o fato dessa tecnologia ser customizável a depender dos preferências do paciente e da necessidade terapêutica, faz com que haja maior taxa de adesão. Em relação aos casos em que o uso da VR mostrou-se ineficaz, não foi plausível definir uma provável causa em virtude da ausência de análises longitudinais.

Conclusões: Portanto, é evidente que o uso da VR para tratamento da DMF mostra-se eficaz na maioria dos estudos analisados, já que atua diminuindo a frequência e a duração dos episódios dolorosos, através da restauração da congruência entre a visão e o feedback somatossensorial. Por fim, as limitações das obras analisadas estão associadas à carência de estudos longitudinais e de volume populacional amostral.

APLICAÇÃO DO METOTREXATO NO TRATAMENTO DA GRAVIDEZ ECTÓPICA: ANÁLISE DE MANEJOS E PROTOCOLOS DE USO

ARIDÊNIO DAYVID DA SILVA[1]
ÁLISSON ARAÚJO GOMES[1]
RENATA RAMOS DA SILVA ARAÚJO[1]
LIANA GONÇALVES ARAGÃO ROCHA[1]
JOSE JUVENAL LINHARES[1]
ANDERSON WEINY BARBALHO SILVA [1]

1. *Universidade Federal do Ceará - UFC Campus Sobral*

Palavras-chave: Gravidez, Embriogênese, Gravidez ectópica, Metotrexato.

Introdução: A gravidez ectópica é primeira causa de morte em gestantes no primeiro trimestre da gestação, seu tratamento é extremamente variado desde a abordagem farmacológica até procedimentos mais invasivos como ocorre na via cirúrgica. Nessa perspectiva, a utilização do metotrexato como fármaco de tratamento dessa patologia demonstra-se muito útil, entretanto, divergências ocorrem no que tange aos seus protocolos de uso.

Objetivo: Avaliar protocolos de uso do metotrexato no tratamento da gravidez ectópica de forma a estabelecer, com base no referencial teórico, a melhor abordagem deste tipo de tratamento.

Metodologia: Este estudo trata-se de uma revisão integrativa. Logo, para construção desse trabalho foi realizada busca nas seguintes bases de dados: Medline/Pubmed, Cochrane e Uptodate, utilizando os seguintes descritores "Ectopic pregnancy"; "Metotrexate" e "Dose". Foram incluídos nessa revisão, estudos que compararam os protocolos de tratamento de gravidez ectópica com metotrexato; Estudos que citavam critérios de seguimento de pacientes em uso de metotrexato; publicados nos últimos quinze anos. A princípio foram encontrados 383 trabalhos, porém após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão restaram apenas 35. Em seguida, foi realizada a leitura dos resumos desses artigos, o que reduziu o número de artigos incluídos nesta revisão para apenas 9. Os artigos restantes foram lidos na íntegra e tiveram seus dados agrupados em uma matriz de síntese para posterior análise.

Resultados: O protocolo de duas doses na dose de 50 mg/m2 de superfície corpórea administradas por via intramuscular, no 1° e 4° dia de tratamento apresenta maior chance no sucesso do tratamento que o protocolo com apenas uma dose do fármaco na mesma posologia, o que reduz a chance de falha terapêutica e a necessidade de procedimentos invasivos, além de não aumentar os efeitos colaterais. O mesmo também pode ser usado eficientemente em pacientes com níveis elevados de β-hCG e com tamanhos de massa anexial acima de 3 cm. Ademais, se comparado ao protocolo de múltiplas doses, o protocolo de dose dupla apresenta menor custo financeiro para sua execução.

Discussão: Muitos fatores clínicos são sugeridos como preditores de sucesso para terapia com metotrexato no tratamento de pacientes com diagnóstico de gravidez ectópica como, por exemplo, níveis dos hormônios β-HCG e progesterona e presença de líquido livre em cavidade.6 Contudo, não existe consenso sobre quais desses são confiáveis para critério de seleção de quais pacientes são candidatas a esse tipo de terapia medicamentosa, o que dificulta a escolha da abordagem terapêutica, sendo necessário tomar como base os protocolos padrão de centros de referência.4,7,9 Quanto as limitações, cabem citar o tempo de publicação de alguns tópicos revisados nesse trabalho, publicações antigas, mas pesquisados em bancos de dados consagrados e a limitação encontrada na literatura.

Conclusão: O protocolo de tratamento com dose dupla é mais indicado, devido a eficácia do fármaco com relação ao protocolo com dose única, mas também com relação a seu custo. Ademais ressalta-se a necessidade de maiores pesquisas, principalmente na literatura nacional sobre o uso do metotrexato, tanto de maneira a avaliar complicações do tratamento como implicações na fertilidade feminina.

ASSOCIAÇÃO DA MASSA MAGRA E GORDURA CORPORAL SOBRE OS NÍVEIS DE APOA E APOB EM CRIANÇAS COM DIABETES MELLITUS TIPO 1

VITOR FERNANDO BORDIN MIOLA[1]
BÁRBARA DE OLIVEIRA ZANUSO[1]
ANA RITA DE OLIVEIRA DOS SANTOS[1]
THAIS MENEGUCCI[2]
EDUARDO FEDERIGHI BAISI CHAGAS[2]
SANDRA MARIA BARBALHO[2]

1. *Discente de Medicina da Universidade de Marília (UNIMAR)*
2. *Departamento de Bioquímica e Farmacologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Marília (UNIMAR)*

Palavras-chave: Apoproteína; Diabetes mellitus tipo 1; Distribuição da Gordura Corporal.

Introdução: Doença crônica comum da infância, o Diabetes mellitus tipo 1 (DM1) é caracterizado pela destruição autoimune das células β (beta) pancreáticas e deficiência parcial ou total da produção de insulina. Está associado a fatores de risco ambientais e genéticos, sendo a obesidade relacionada à progressão acelerada da doença e complicações cardiovasculares. Nessa perspectiva, a avaliação dos níveis das apolipoproteínas A (ApoA) e B (ApoB), componentes proteicos das lipoproteínas responsáveis pela captação de colesterol plasmático, pode auxiliar na análise do perfil lipídico e potencial aterogênico, desempenhando relevante papel no processo patológico do DM1.

Objetivo: Analisar a relação da distribuição da massa magra e gordura corporal nos valores de ApoA1 e ApoB em crianças com DM1.

Metodologia: Estudo transversal constituído de 81 (48 ♂ e 33 ♀) prontuários de crianças e adolescentes com diagnóstico de DM1 em um Ambulatório Médico de Especialidade (AME) entre os anos de 2019 e 2020. Foram excluídos os prontuários de pacientes que apresentavam deficiência física ou paralisia de membros superiores e inferiores. Foram avaliados como parâmetros bioquímicos o perfil lipídico total e frações, níveis de ApoA e ApoB, medidas antropométricas de massa corporal, estatura e circunferências, bem como o exame de bioimpedância para análise de massa magra e percentual de gordura. As variáveis quantitativas e qualitativas foram descritas pela média e desvio-padrão, e frequência absoluta e relativa, respectivamente. Também foram utilizados o teste Exato de Fisher, teste de Shapiro-Wilk com correção de Lilliefors e teste não paramétrico de Spearman. Para análise foi utilizado o software SPSS versão 19.0 para Windows e adotado o nível de significância de 5%.

Resultados: Observou-se correlação significativa (p-valor ≤ 0,050) entre área muscular do braço em cm2 (AMB) e ApoB, e coeficiente ApoB/ApoA. A análise de regressão linear revelou que o aumento da AMB, controlando o efeito do sexo, tempo diagnóstico e estádio puberal esteve relacionado com a redução da ApoB e explica 13,0% (R2) da variação. Além disso, o aumento de AMB esteve relacionado com redução do coeficiente ApoB/ ApoA e o R2 apontou variação de 10%, apesar de não significativo. Discussão: A ApoA é o principal componente proteico anti-aterogênico associado ao colesterol de lipoproteína de alta densidade (HDL-c), enquanto ApoB pró-aterogênica compõe as moléculas de baixa (LDL-C) e muito baixa densidade (VLDL-c). Em nosso estudo, o perfil de ApoA e ApoB associou-se com aumento da área muscular e gordura visceral, respectivamente, e a relação ApoB/ApoA reduziu com aumento da área muscular do braço, corroborando com estudos anteriores que demonstraram a potencial relação entre massa magra e gordura e sua influência nas variáveis bioquímicas. Outros estudos têm referido correlação positiva significativa com ApoB e eventos cardiovasculares, devido a sua aterogenicidade e estado pró-inflamatório.

Conclusão: A análise dos níveis de apolipoproteínas em crianças com DM1 contribuiu para avaliação do perfil lipídico associado ao comportamento das variáveis antropométricas como gordura corporal e massa magra, ilustrando o potencial preditor de risco cardiovascular das ApoA e ApoB plasmáticas.

AVALIAÇÃO DO EFEITO DA RESPIRAÇÃO DIAFRAGMÁTICA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM ASMA: ENSAIO CLÍNICO RANDOMIZADO E CONTROLADO

NICOLE CRISTINA LOTTERMANN[1]
SARA SILVA FERNANDES[2]
GUSTAVO IANZER MORAES[1]
DANIELLE REDIESS BONOW[1]
PAULO VICTOR MOURA RODRIGUES[1]

1. *Faculdade de Medicina - Universidade Federal do Rio Grande (FAMED/UFRG)*
2. *Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde. Universidade Federal do Rio Grande (UFRG)*

Palavras-chave: Asma; Exercícios respiratórios; Ansiedade.

Introdução: A asma é uma doença respiratória crônica caracterizada pela inflamação das vias áreas, sendo uma das doenças crônicas mais prevalentes entre crianças. Além disso, também está associada a elevados custos e agravos à saúde. A avaliação de diagnóstico e gravidade permite o planejamento da intervenção terapêutica. Esta inclui a abordagem farmacológica tanto para o tratamento agudo quanto para o controle a longo prazo. Nesse contexto, as alternativas complementares preveem intervenções educativas, exercícios físicos e respiratórios.

Objetivo: Avaliar o efeito da respiração diafragmática (RD) em desfechos clínicos e funcionais de crianças e adolescentes com asma crônica.

Metodologia: O estudo consiste em um ensaio clínico randomizado controlado em grupos paralelos. A coleta de dados dos parâmetros avaliados ocorre em três atendimentos: logo após o recrutamento e após 4 e 8 semanas do início da intervenção. No primeiro atendimento, os pacientes são alocados para o grupo controle ou intervenção. O grupo intervenção recebe o treinamento para a realização da RD, além da orientação de como utilizar o aplicativo do projeto – instalado no celular do paciente e utilizado para registrar os exercícios realizados pelo mesmo em domicílio. O grupo controle recebe o treinamento para realização da respiração Sham e é igualmente orientado. Nos três atendimentos são aplicados questionários avaliativos que abordam a percepção do paciente em relação a sua saúde e especificamente em relação ao controle da asma, além de registrarem e caracterizarem o grau de ansiedade do paciente. Ademais, são coletadas variáveis fisiológicas que fornecem dados de balanço autonômico, nível de controle da asma, função respiratória, estresse, ansiedade, capacidade pulmonar, análise de distensão respiratória abdominal e torácica e quantificação dos níveis de cortisol.

Resultados: Os resultados a serem apresentados são parciais, dado que o estudo segue em andamento. Até o presente momento, o estudo conta com 36 participantes, destes, 25 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. A idade dos participantes foi de 6 a 18 anos e teve como média 11,1 anos. As exclusões que ocorreram foram 10 ao todo, sendo 6 por quadro assintomático mesmo sem uso de medicação e 4 por deficiência psicomotora. Houveram apenas 3 recusas, situações em que pacientes elegíveis foram convidados a participar do estudo e se negaram. Ao todo, até o momento, 18 participantes fizeram parte do grupo controle e 18 do grupo intervenção. Discussões: Cabe citar que ocorreram 3 evasões do estudo. Os principais motivos de baixa adesão ao uso do aplicativo do projeto relatados pelos participantes foram dificuldade com os aparelhos celulares (memória comprometida, invasão por vírus ou pane), dificuldade com o aplicativo (extravio da senha e/ou usuário, complicação no download em outros aparelhos) e preferência por realizar o exercício sem o aplicativo.

Conclusão: De acordo com o relato dos pacientes que já finalizaram a participação no projeto, os exercícios trazem melhoria na qualidade respiratória e nos sintomas relacionados à ansiedade. Grande parte dos indivíduos, principalmente do grupo intervenção, relatam diminuição das crises de asma, menor utilização de medicamentos no cotidiano e aumento da disposição para realizar atividades físicas.

BOUBA: A INFECÇÃO TROPICAL NEGLIGENCIADA

LUANA LOHANE FIGUEIREDO DE AGUILAR[1]
AMANDA LUIZA DO ESPÍRITO SANTO PINHEIRO[1]
ANA LÚCIA MARQUES LOPES[1]
VITÓRIA APARECIDA CUNHA[2]
MARINA VIEIRA RODRIGUES DE QUEIROZ[3].

1. *Discente de Medicina pela Faculdade Atenas Sete Lagoas-MG*
2. *Discente de Medicina pela Faculdade Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais*
3. *Médica Dermatologista do Hospital Santa Casa de Misericórdia de Vitória, Vitória-ES*

Palavras-chave: Bouba; Doença Negligenciada; Infecção.

Introdução: A bouba é uma doença infecciosa treponêmica, causada pela bactéria Treponema pallidum pertenue e transmitida através do contato da pele com as lesões . A incidência é maior entre crianças de 2 a 15 anos, principalmente em comunidades rurais quentes e úmidas, com baixos padrões sanitários e socioeconômicos. Apesar de não haver relatos de novos casos desde 2013 no Brasil, a Bouba ainda persiste como doença endêmica em alguns países subdesenvolvidos, o que reforça a importância do saneamento e de vigilância epidemiológica com enfoque na prevenção primária e secundária, evitando a subnotificação e possibilitando o tratamento precoce e a erradicação.

Objetivo: Objetiva-se através deste estudo, caracterizar a doença Bouba sob o aspecto clínico e epidemiológico, abordando ainda, sobre as medidas de tratamento para a erradicação da Bouba.

Metodologia: Trata-se de uma revisão narrativa da literatura cuja pesquisa exploratória foi realizada nas bases de dados do PubMed, BVS (Biblioteca Virtual em Saúde, Embase e Cochrane Library, utilizando o operador "AND" e os descritores "Bouba", "Infecção" e "Doença negligenciada", contidos no DeCS (Descritores em Ciências da Saúde). Foram selecionados 5 artigos seguindo os critérios de inclusão: idiomas inglês e português, publicados nos últimos 10 anos.

Discussão: As manifestações incluem lesões cutâneas na fase aguda, que equivalem a 90% dos quadros. A infecção primária manifesta-se após o contato com as lesões iniciais papuloulcerativas exsudativas. As lesões secundárias caracterizam-se por lesões papuloulcerativas disseminadas em regiões palmares e plantares, com fissuras dolorosas, placas hiperceratóticas e infecção secundária que ocorrem por disseminação linfática ou hematogênica. A bouba terciária ocorreu em 10% dos pacientes que não foram tratados e, portanto, as lesões tardias raramente são encontradas. A lesão ocorre em 5 a 10 anos após a inoculação do patógeno, levando a manifestações cutâneas, ósseas e articulares graves. O diagnóstico padrão ouro é a microscopia de campo escuro, uma opção de fácil acesso e baixo custo que permite a visualização direta do patógeno. Porém devido à dificuldade técnica e de equipamentos para o exame, o diagnóstico baseia-se em ensaios sorológicos e, mais recentemente, testes moleculares de amplificação de ácido nucléico. O tratamento é feito com Penicilina G Benzatina em doses de 0,012 mg/mL para crianças menores de dez anos e 0,024 mg/mL para crianças mais velhas e adultos. No entanto, uma dose de Azitromicina (30 mg/kg) demonstrou ser equivalente à Penicilina na Bouba primária e secundária. Outras opções incluem Eritromicina, Tetraciclina ou Doxiciclina. Os treponemas desaparecem 8 a 10 horas após início do tratamento e as lesões cutâneas começam a cicatrizar em 2 a 4 semanas. A ausência da cicatrização das lesões deve ser considerada falha no tratamento e a terapêutica deve ser repetida.

Conclusão: Conclui-se que é fundamental a manutenção dos cuidados, principalmente em ambientes de risco como nas regiões de clima tropical e baixos índices socioeconômicos, tendo em vista a possibilidade de casos autóctones. As medidas preventivas representam estratégias essenciais para a erradicação dessa doença.

CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE QUEIMADURAS: PERSPECTIVAS TERAPÊUTICAS E PROGNÓSTICO

LUANA LOHANE FIGUEIREDO DE AGUILAR[1]
FRANCIELE LOPES DIAS DE FREITAS[1]
IASMIN DANYELLE LIMA BORGES[1]
MARIA EDUARDA ARAÚJO MENDES VIEIRA[1]
MARIA VICTORIA ALVES FONSECA TORRES[1]
MARIANA MENDES SILVEIRA DIAS[2].

1. *Discente de Medicina pela Faculdade Atenas Sete Lagoas-MG*
2. *Médica pelo Centro Universitário FIPMoc (Faculdade Integrada Pitágoras)*

Palavras-chave: Queimaduras; Tratamento de Emergência; Criança; Adolescente.

Introdução: Hodiernamente, as terapêuticas contra as queimaduras infantojuvenis são altamente diversificadas, podendo ser muito onerosas à saúde pública. Isso porque, quando não tratadas adequadamente, as lesões representam uma grande ameaça à vida de crianças e adolescentes. Nesse sentido, delimitar as perspectivas de intervenção é de suma importância para garantir uma menor progressão da ferida, promover maior alívio da dor e garantir a cicatrização ideal, potencializando os resultados favoráveis.

Objetivo: Evidenciar a etiologia mais prevalente de queimaduras em crianças e adolescentes e sistematizar o que há de mais atual sobre primeiros socorros, abordagem cirúrgica, curativo e manejo de feridas e substitutos temporários ou permanentes da pele.

Metodologia: Trata-se de uma revisão bibliográfica na base de dados PubMed atualizada em 08 de março de 2023. Para a consulta, foram utilizados os termos (Burns) e (Emergency Treatment) associados pelo operador booleano "AND", sendo encontrados 4.636 resultados. Na lista da busca, filtros da própria plataforma foram aplicados como critérios de inclusão: texto completo gratuito, data de publicação a partir de 2013, idioma inglês e idade do nascimento até 18 anos completos. Após o emprego dos critérios de exclusão (relatos de caso, estudos com dados secundários e faixa etária igual ou maior aos 19 anos de idade), foram lidos 15 artigos na íntegra. Desses, 08 se adequaram aos objetivos da presente análise sistemática.

Resultados: Pacientes menores de 16 anos representam a faixa etária mais acometida por queimaduras em crianças e adolescentes. A principal etiologia foi queimaduras térmicas ocasionadas por escaldaduras, chamas de fogo e outros acidentes domésticos, seguida de queimaduras elétricas e químicas. Houve predomínio das lesões com profundidade de 1º e 2º grau e diversidade da superfície corporal queimada. Os primeiros socorros consistiam em resfriamento da queimadura com água corrente fria até três horas após a lesão, remoção de roupas, adornos e bolhas, limpeza das feridas e curativos. Apesar dos estudos demonstrarem que a maioria dos responsáveis pelas vítimas saibam as condutas corretas para prestar assistência imediata e temporária, uma parcela ainda é leiga ou intervém nocivamente com o uso, por exemplo, de óleos e albumina.

Discussão: A queimadura térmica tem como procedimento essencial o controle imediato da dor após os primeiros socorros. Recomenda-se o uso de curativos de sulfadiazina de prata, mas, por haver piora da cicatrização devido a sua aderência, pesquisas destacam pontos positivos dos novos curativos de hidrogel, que reduzem a dor no período agudo, fornecem hidratação à ferida e raramente apresentam efeitos adversos. A sua eficiência depende da chegada da criança em até 24 horas após a lesão, além de não ter utilizado antes nenhum curativo. Queimaduras elétricas e químicas tiveram repercussões clínicas relacionadas à lesão inalatória e alta incidência de pneumonia, sendo necessário broncoscopia e ventilação mecânica. Ressuscitação hídrica e alimentação enteral precoce também foram empregadas.

Conclusão: A alta morbimortalidade infantojuvenil por queimaduras deve ser prontamente atenuada mediante prevenção e controle, atualização protocolar das perspectivas terapêuticas e incentivo às pesquisas sobre substitutos da pele, a fim de alcançar um melhor prognóstico.

HABILIDADE DE COMUNICAÇÃO DOS ACADÊMICOS DE MEDICINA DO EXTREMO NORTE DO PAÍS EM LIBRAS: UM ESTUDO TRANSVERSAL

ANA BEATRIZ OLIVEIRA DE OLIVARES[1]
DIEGO GUILHERME SANTOS PORTELA[1]
POLIANA LUCENA DOS SANTOS[1]
JHON ANDREO ALMEIDA DOS SANTOS[1]
RUY GUILHERME SILVEIRA DE SOUZA[2]
BIANCA JORGE SEQUEIRA COSTA[2]

1. *Discente de Medicina da Universidade Federal de Roraima*
2. *Professor do Curso de Medicina da Universidade Federal de Roraima*

Palavras-chave: Comunicação, Língua de Sinais, Surdez, Medicina, Educação.

Introdução: A Constituição Federal de 1988 garante a saúde como um dever do Estado e de direito a todos, como pessoas portadoras de necessidades especiais. Para assegurar tal direito em 1990 foi regulamentado o Sistema Único de Saúde, pautado na igualdade da assistência à saúde e universalidade.Considerando que uma comunicação de qualidade entre médico e paciente é o pilar para a atenção em saúde, desde a anamnese até o momento das orientações, a falha neste pilar pode resultar em mudança social negativa. Desta maneira, a comunicação adequada seja ela verbal ou não verbal entre médico e paciente é um instrumento de qualidade e segurança.

Objetivo: O objetivo deste artigo é avaliar o nível de conhecimento dos acadêmicos de medicina do estado de Roraima, acerca da língua de sinais.

Metodologia: Trata-se de um estudo transversal, observacional e descritivo, com o caráter quantitativo e qualitativo. Os dados foram inseridos em planilhas do programa Excel® 2013 (Microsoft). Foram incluídos na pesquisa formandos dos cursos Direito, Medicina e Engenharia Civil da universidade federal do estado de Roraima dos semestre de 2020.1 e 2020.2 e possíveis formandos do semestre de 2021.1 e 2021.2, maiores de 18 anos, de ambos os sexos, brasileiros, alfabetizados, e que não possuam déficits cognitivos. Da mesma maneira, foram excluídos da pesquisa: indígenas, estrangeiros, menores de idade e institucionalizados ou pessoas com comprometimento cognitivo, estudantes de demais cursos, estudantes que não se fomaram no semestre 2020.2, estudantes que não irão colar grau no semestre de 2021.2.

Resultados: No presente estudo foram entrevistadas 202 pessoas, dentre elas graduandos e graduados dos três maiores cursos da Universidade Federal de Roraima, Direito, Engenharia Civil e Medicina, respeitando os critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos. Assim, ao compararmos os estudantes do curso de medicina com os demais cursos, respondendo a pergunta: "Como é/seria sua comunicação em LIBRAS?" 15 dos 60 que responderam "Não conseguiria me comunicar" cursam medicina; 44 de 109 dos estudantes que responderam "Que teriam uma comunicação Ruim" cursam medicina; 19 de 28 dos estudantes que responderam "Que teriam uma comunicação Regular" cursam medicina; 4 de 4 dos estudantes que responderam "Que teriam uma comunicação Boa" cursam medicina; 1 de 1 de estudante que respondeu "Que teriam uma comunicação Ótima" cursam medicina.
Analisando os resultados a respeito das dificuldades encontradas na comunicação com deficientes auditivos, respondendo o questionamento "Quais dificuldades você enfrenta/enfrentaria na comunicação com uma pessoa que possui deficiência auditiva?" 56 de 161 dos que afirmaram que a "dificuldade encontrada seria pela falta de conhecimento em LIBRAS" cursam medicina; 23 dos 38 dos que afirmaram que a "dificuldade encontrada seria pela falta de um intérprete de LIBRAS na instituição/unidade " cursam medicina; 1 dos 3 que afirmaram que "Não percebem dificuldade" cursam medicina.

Discussão: Segundo a literatura consultada, ao analisarmos este trabalho, pôde-se observar que a maioria dos entrevistados independente do curso de graduação, não possuem uma comunicação adequada em língua de sinais, que as opções "Boa" e "Ótima" apesar de estarem presentes apenas no curso de medicina correspondem apenas a 1,25% quando analisado de maneira isolada. Umas das explicações para tal dificuldade na comunicação com pessoas surdas, é a própria falta de conhecimento da língua ou pela falta de um intérprete.

Conclusão: Portanto, os acadêmicos do curso de medicina apresentam um leve nível superior de conhecimento da língua de sinais quando comparados aos demais cursos estudados. Pode-se notar implicações sociais negativas como diagnósticos equivocados, tratamentos inadequados e custos desnecessários tanto ao paciente quanto ao sistema de saúde. Apesar de uma boa comunicação ser a base para uma relação médico e paciente eficaz, isto não muda o fato dos graduandos e graduados do curso de medicina não possuírem uma comunicação adequada em língua de sinais, pois, nota-se implicações sociais negativas como diagnósticos equivocados, tratamentos inadequados e custos desnecessários tanto ao paciente quanto ao sistema de saúde.

HANSENÍASE NO ESTADO DO AMAZONAS DE 2013 A 2022: UM ESTUDO ECOLÓGICO

JANAÍNA DE OLIVEIRA E CASTRO[1]
ENRIKO MORAIS RAMOS[1]
GABRIELLE CRISTINY DA SILVA SAIF[1]
DIANA CASCAES DE BRITO[1]
GABRIEL DA SILVA ALVES[1]
FRANKLIN SIMÕES DE SANTANA FILHO[2]

1. *Discente de Medicina, Universidade Federal do Amazonas*
2. *Departamento de Saúde Coletiva, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Amazonas*

Palavras-chave: Hanseníase; Mycobacterium leprae; Perfil Epidemiológico.

Introdução: Historicamente, hanseníase é uma doença infectocontagiosa insidiosa, crônica e de evolução lenta. A sua causa dá-se por infecção do bacilo Mycobacterium leprae, com sintomas que se manifestam através de lesões cutâneas e nos nervos periféricos. A transmissão ocorre pela inalação de bacilos e o diagnóstico é predominantemente realizado em análises clínicas. Representa um problema de saúde pública importante em muitos países com baixo índice de desenvolvimento socioeconômico. O Brasil é um dos países que registram os maiores números de casos no mundo, sendo o Amazonas um dos estados que apresentam alta taxa de prevalência da doença**.**

Objetivo: Analisar aspectos clínicos e epidemiológicos dos casos de Hanseníase no Amazonas entre 2013 a 2022, com vista a melhor caracterização de informações com potencial de aprimorar seu controle epidemiológico.

Metodologia: Trata-se de um estudo ecológico descritivo dos casos de hanseníase observados no estado do Amazonas de 2013 a 2022. Os dados do Sistema de Informação de Agravo de Notificação (SINAN) foram utilizados com os filtros predefinido (sexo, idade, raça, faixa etária, escolaridade, tipo e desfecho da doença). A análise estatística descritiva foi realizada utilizando-se o programa Microsoft Excel. Não foi necessária apreciação ética já que os dados utilizados são de acesso irrestrito. Resultados Foram observados 5.565 casos novos de Hanseníase entre 2013 e 2022 no estado do Amazonas. Desses casos, 62% (3.452) eram homens, 37,1% (2.064) possuíam faixa etária de 30 a 49 anos de idade, 41,8% (2326) tinham ensino fundamental incompleto. Quanto ao estadiamento clínico, 66,5% (3699) foram relativos a forma multibacilar, sendo que do total 77,2% (4299) evoluíram para cura enquanto 6% (332) abandonaram o tratamento.

Discussão: A literatura demonstra como sendo um importante determinante social da saúde, comrisco maior de hanseníase, o sexo masculino e o baixo nível de escolaridade. Na presente pesquisa foi observada maior prevalência de casos nesse mesmo perfil de população. Quanto ao estadiamento clínico dos pacientes, aproximadamente 70% deles apresentaram Hanseníase Multibacilar, o que se infere como indicativo de diagnóstico tardio nesta parcela, podendo se concluir que pode haver um favorecimento na persistência da endemicidade regional da doença, como também provável falha no sistema de detecção e diagnóstico precoce da Hanseníase na Atenção Primária. Isso se infere devido a maior parte dos diagnósticos serem realizados no centro de referência mais importante da cidade. No entanto, as estratégias de tratamento aparentam ser eficazes, visto que a maioria dos acometidos por hanseníase obtiveram a cura da doença ao término de seguimento clínico. As limitações evidentes deste estudo referem-se ao uso de dados secundários que estão vulneráveis à subnotificação e dados omissos.

Conclusão: A nítida ocorrência de diagnóstico tardio, concentração desses diagnósticos em um centro de referência, associada a grande prevalência de casos no Amazonas demonstra que ainda há labilidade nas estratégias de prevenção e controle da endemia. Para mudança dessa realidade, deve-se promover Educação Permanente a profissionais de Saúde da Rede de Atenção Primária e Estratégias de Educação em Saúde nas escolas e nos segmentos sociais para diagnóstico e rastreio precoce de hanseníase.

IMPACTO DA VACINAÇÃO SOBRE A TAXA DE MORTALIDADE POR COVID-19 NO PARANÁ: ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO

JULIA COSTA DE ARAUJO[1]
ANA JULIA GOMES[1]
MARIA BEATRIZ DEFFUNE LEANDRO SOBRADIEL FERREIRA[1]
JOAO PEDRO LUCHETTI DE GODOY[1]
LUIZ FERNANDO BERLITZ ZAMAI[1]

1. *Discente de Medicina do Centro Universitário Ingá*

Palavras-chave: Covid-19; Epidemiologia; Vacinas contra COVID-19; Mortalidade.

Introdução: A pandemia da Covid-19 teve início em dezembro de 2019 e foi decretada pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020. O Brasil, desde fevereiro de 2020, acumula mais de 37 milhões de casos e quase 700.000 mortes. O 4º estado com maior incidência foi o Paraná, com quase 3.000.000 de casos e aproximadamente 46.000 óbitos. Para combater o vírus, foram implementadas políticas públicas e estratégias, onde a principal foi a vacinação, que teve início em janeiro de 2021 no Brasil. Não há estudos demonstrando quanto os óbitos reduziram no estado do Paraná após a vacinação, algo importante para avaliar o efeito obtido da vacina.

Objetivo: Avaliar a distribuição da taxa de mortalidade total de Covid-19 e por faixas etárias antes e após a vacinação no Estado do Paraná.

Metodologia: Trata-se de um estudo ecológico descritivo, realizado a partir de dados disponíveis nos informes epidemiológicos da Secretaria de Saúde do Paraná, no período de abril de 2020 até junho de 2022. Os dados foram tabulados e calculados em Microsoft Excel.

Resultados: O pico de óbitos foi observado no mês de abril de 2021, com 5.654 mortes. Houve uma redução de 87,5% na taxa de mortalidade comparando-se os períodos de janeiro a junho de 2021 e 2022. Nesse mesmo período os óbitos totais reduziram em 97%. A faixa etária com o maior número de óbitos foi de 50-80 anos em 2020 (90%), 2021 (81%) e 2022 (91%).

Discussão: Ao analisar o perfil epidemiológico dos óbitos por COVID-19, entre 2020 a 2022, no Paraná, buscou-se identificar os eventos que contribuíram para as mudanças da taxa de mortalidade, a partir do índice vacinal e medidas de segurança expressas em decretos estaduais. Até o mês de abril, momento da maior taxa de mortalidade do estado, somente 15,7% da população havia sido vacinada com a 1ª dose ou dose única, e 9,1% da população com a 2ª dose. Ainda, a publicação dos Decretos 7.506/20217 e 7.020/2021, redigidos em março e abril de 2021, flexibilizaram as medidas de segurança anteriormente estabelecidas, através do Diário Oficial nº. 108229, entre os meses de janeiro e fevereiro do mesmo ano, promovendo a retomada gradual das atividades presenciais da sociedade. Considerando que o aumento de óbitos no estado do Paraná coincide com as datas do afrouxamento das medidas de segurança e com o baixo índice vacinal, é possível que haja relação entre os eventos. De janeiro de 2021 a junho 2022, aproximadamente 89,6% da população geral recebeu a 1ª dose ou dose única e, aproximadamente, 79,5% foi protegida com a 2ª dose, podendo a imunização ativa da população ter relação com a redução do número de óbitos, uma vez que as medidas de segurança foram cada vez mais flexibilizadas, comprovando a eficácia da vacinação independente de isolamento.

Conclusão: A vacinação se mostrou uma medida de controle importante, contribuindo para uma expressiva redução das taxas de mortalidade por Covid-19 no estado do Paraná.

INCIDÊNCIA DE CARCINOMA E ADENOCARCINOMA EM EXAMES CITOPATOLÓGICO DE COLO DE ÚTERO ENTRE 2015-2022 NO BRASIL

GUILHERME AUGUSTO RITTER[1]
JENNIFER CORRÊA DOS SANTOS[1]
AMANDA LOUISE MAGIONI BOETTCHER[1]
ANA JÚLIA MARCOLIN[1]
JANAÍNA BROLLO[2]

1. *Acadêmico de Medicina da Universidade de Caxias do Sul*
2. *Médica oncologista e docente da faculdade de Medicina da Universidade de Caxias do Sul*

Palavras-chave: Câncer de colo uterino; Incidência, Saúde pública; Exame citopatológico.

.

Introdução: No Brasil, o câncer de colo uterino lidera como a terceira neoplasia mais comum em mulheres. Sendo assim, no enfrentamento dessa doença, a prevenção secundária, por meio do exame citopatológico, tem como intuito o rastreamento e diagnóstico precoce, possibilitando chance de cura total ainda nas fases iniciais. Assim, as Diretrizes Brasileiras para o Rastreamento do Câncer do Colo do Útero estabelecem como 25 anos a idade de início para realização do exame, e 64 anos a final, mesmo que ainda careça evidências objetivas sobre o encerramento da prática.

Objetivo: Analisar a incidência de carcinoma e adenocarcinoma em exames citopatológicos de colo de útero entre 2015 a 2022 no Brasil, bem como sua distribuição por faixa etária.

Metodologia: Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo e que os dados foram obtidos por consulta ao Sistema de Informação do Câncer - SISCAN, disponibilizado pelo DATASUS. Foram incluídos os exames com diagnóstico de carcinoma epidermóide e adenocarcinoma invasores, entre os anos de 2015 a 2022, e tabulados de acordo com a faixa etária e ano de competência.

Resultado: A partir da análise dos dados entre 2015 e 2022, houve a realização de 48.158.643 exames citopatológicos de colo uterino, com 7.798 diagnósticos tumorais, representando 0,016% do total de exames. Nesse sentido, figuram 6.159 (78,98%) resultados descritivos de carcinoma epidermóide invasor e 1.639 (21,02%) de adenocarcinoma invasor. A classe entre 55 a 59 anos representa os maiores números relatados. Ademais, observa-se que 1,51% dos casos registrados de exames com resultado de malignidade apresentam-se em mulheres menores de 25 anos de idade; 76,72% estão entre 25 e 64 anos; e 21,77% em maiores de 64 anos.

Discussão: Numa análise temporal, nota-se crescimento dos diagnósticos totais por ano até 2019, que em contrapartida, no ano de 2020, apresentou queda em todas as faixas etárias. Correlaciona-se essa diminuição com a pandemia de covid-19 e suas restrições, e que pode adicionar maior morbi-mortalidade nos próximos anos. Em mulheres menores de 25 anos de idade, observa-se uma taxa de incidência próxima aos 1,1% encontrados nos Estados Unidos, e há recomendações de não rastrear pela regressão de lesões de baixo grau e baixa mortalidade. A partir dos resultados da população alvo da prevenção secundária, o grupo representou 76,72% dos diagnósticos e deve-se considerar que o padrão de rastreio e cobertura interferem diretamente. Em maiores de 64 anos, os resultados foram similares aos 26% dispostos pela Sociedade Americana de Câncer, e a falta de adesão ao rastreio e tratamento figuram fatores contribuintes. Por outro lado, estudos mostram que a triagem a partir dessa idade é menos eficiente e pacientes com exames prévios negativos devem encerrar o rastreio.

Conclusão: A incidência de casos de tumores malignos em exames citopatológicos apresentou-se de forma crescente, com predomínio do adenocarcinoma invasor durante o período. A partir da faixa etária, observou-se a necessidade de estratégias para maior segmento e ampliação da cobertura populacional no programa de rastreamento brasileiro.

MAPEAMENTO DE CASOS DE DOENÇA DE CHAGAS AGUDA POR TRANSMISSÃO VETORIAL NO BRASIL APÓS A CERTIFICAÇÃO DE ÁREA LIVRE DE TRANSMISSÃO POR TRIATOMA INFESTANS.

MARIA CÉLIA COELHO GONÇALVES SILVA[1]
ANA CAROLINA ALVES MENDES[2]
LEONARDO MELCHOR BORNICKEL ALVARENGA[3]
LUIZ HENRIQUE CONDE SANGENIS[4].

1. *Discente do Centro Universitário de Valença (UNIFAA)*
2. *Docente do Centro Universitário de Valença (UNIFAA)*

Palavras-chave: Transmissão; Chagas; Vetor.

Introdução: Mesmo com mudanças epidemiológicas, a doença de Chagas (DC), principalmente pela transmissão vetorial, é um problema de saúde pública na América Latina. Uruguai, Chile e Brasil foram certificados pela Organização Pan-americana de Saúde como áreas livres da transmissão por Triatoma infestans, . Todavia, a transmissão vetorial continua a ocorrer no Brasil por vetores nativos e silvestres com potencial de invasão domiciliar. Diversos fatores, como o êxodo rural, campanhas de combate aos vetores intradomiciliares e controle dos bancos de sangue foram decisivas para tal diminuição. Dados recentes estimam em 5,7 milhões os portadores da doença na América Latina com 36.000 novas infecções e 12.500 mortes ao ano. No Brasil, estima-se em 1,1 milhão o número de infectados por T. cruzi. Inquérito de soroprevalência realizado em crianças de 0 a 5 anos de áreas rurais do brasileiras confirma tendência de queda. Porém, ainda existem desafios, aproximadamente 40% dos infectados apresentam doença cardíaca, digestiva, ou cardiodigestiva, que impacta na seguridade social e em custos. Além disso preocupa-se com notificação por ingestão de alimentos e transmissão por vetores silvestres não domiciliados e a domiciliação de vetores nativos.

Objetivo: Este estudo tem o objetivo de mapear os casos de doença de Chagas aguda por transmissão vetorial no Brasil após o período de certificação da eliminação da transmissão por Triatoma infestans. Identificar regiões e municípios brasileiros vulneráveis e potenciais vetores envolvidos nas transmissões.

Metodologia: Casos agudos de doença de Chagas no período de 2007 a 2020 no Brasil foram consultados DATASUS/SINAN e classificados por suas formas de transmissão e posteriormente selecionados para elaboração do mapeamento de acordo com o georreferenciamento do local onde ocorreram. Ademais, coletou-se informações nas bases de dados bibliográficos online, MEDLINE, PubMed e SciELO.

Resultados: Entre 2007 e 2020 ocorreram 3.278 notificações de casos agudos de DC no Brasil, se 249 casos (7,59%) classificados como transmissão vetorial. Houve predomínio na Região Norte 207 casos. No Nordeste houve 15 casos e no Centro-Oeste 12, no exterior ou região ignorada foram 13. Majoritariamente as notificações situam-se no Pará, 155 casos, 23 no Amazonas, 17 no Acre, 10 em Goiás, 9 no Maranhão, 6 em Tocantins, 3 em Rondônia. O demais estados apresentaram 2, 1 ou nenhum caso.

Discussão: Houve poucos casos agudos de DC vetorial comparando ao total. As transmissões orais, enquadram-se como transmissão secundária por vetores, pois ocorre a contaminação do alimento por fezes ou pelo preparo do suco com espécimes inteiros. O número elevado de notificações na região Norte, particularmente no Pará, poderia ser explicado pela prontidão dos seriços de vigilância. Na Região Amazônica predomina a invasão domiciliar por vetores silvestres nativos, mecanismo que pode prevalecer nos demais estados do Brasil. Mesmo com baixa transmissão vetorial, 10/15% dos casos agudos são sintomáticos, logo, muitos casos não são identificados.

Conclusão: Mesmo após a eliminação da transmissão vetorial por T. infestans, casos agudos estão presentes. Mesmo com poucas notificações, os serviços de vigilância e assistência precisam estar alertas para identificar esses casos e para o risco de invasão e domiciliação por vetores nativos.

O ESTIGMA DO PRECONCEITO CONTRA A COMUNIDADE LGBTQIA+ E SUA RELAÇÃO COM A TRANSMISSÃO E EPIDEMIA DE MONKEYPOX

JOÃO GABRIEL ANDRADE TROVÃO CORDEIRO[1]
BEATRIZ FONTENELLE COSTA[1]
EMANUELE CRISTINE SANTOS MARINHO[1]
SUELI DE SOUZA COSTA

1. *Discente da Universidade Federal do Maranhão*
2. *Docente da Universidade Federal do Maranhão*

Palavras-chave: Monkeypox; Epidemiologia; Preconceito; Infecções Sexualmente Transmissíveis; Homofobia.

Introdução: A Monkeypox (MKP) é uma doença zoonótica viral, cuja transmissão para humanos pode ocorrer por meio de contato com animal ou humano infectado com o vírus. Analogamente ao preconceito instaurado nos anos 80, responsável por correlacionar pessoas LGBTQIA+ com a epidemia de HIV/AIDS, desde 2022, epidemia de monkeypox nas Américas, esse grupo vem sendo diretamente associado à MKP, sofrendo constrangimento médico-social desde então.

Objetivo: Relacionar o preconceito sofrido pela comunidade LGBTQIA+ com a transmissão da MKP por contato sexual à referida epidemia, bem como identificar o modo que autoridades comunicam métodos preventivos como contribuinte para esse preconceito.

Metodologia: Para a elaboração deste estudo, utilizaram-se artigos selecionados na biblioteca virtual PubMed a partir dos descritores "monkeypox", "sexual transmission" e "epidemiologic" combinados. Adicionalmente, dispôs-se de boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde (MS) e outras notícias do mesmo, considerando-se apenas resultados de 2022 a março de 2023.

Resultados: Foram encontrados, a partir da busca na PubMed, 123 artigos, dos quais utilizaram-se sete para a elaboração do estudo, e dois boletins epidemiológicos do MS.

Discussão: A MKP vem sendo associada a grupos específicos, especialmente homens que fazem sexo com homens (HSH). Essa relação ocorre devido à possibilidade de transmissão através do contato íntimo durante as relações sexuais, independentemente dos sexos, somente quando existe erupção cutânea ativa. Cerca de 95,2% dos casos estudados fazem parte do grupo "HSH", devido ao contato íntimo com desconhecidos, reiterando o preconceito e a discriminação marcante até hoje. Impera-se enfatizar que a MKP afeta indivíduos de qualquer orientação sexual e identidade de gênero. Dessarte, desmistificar o contágio dessa patologia representa um grande desafio devido ao preenchimento de informações sobre identidade de gênero e orientação sexual nos sistemas de informação em saúde (SIS) para a doença, consequentemente reiterando estigmas vinculados à população LGBTQIA+. Outrossim, reconhece-se que esses grupos apresentam dinâmicas sexuais características, desempenhando um papel claro na transmissão desta patologia no grupo. Embora as redes sexuais entre eles não os diferenciam de outros grupos, há fluidez quanto ao número de parceiros sexuais. Esse padrão observado gerou conclusões equivocadas por parte das autoridades. Há uma grande urgência em alertar profissionais de saúde e a própria população acerca da prevenção da MKP, sem que incite o estigma social já enfrentado anteriormente. Adicionalmente, a transmissão do vírus ainda é pouco conhecida; foi possível constatar roedores e pequenos mamíferos como vetores da infecção, abrindo a discussão de quais outros vetores não-humanos poderiam surgir em locais não-endêmicos, desvinculando-se à correlação com a LGBTQIA+.Por fim, nesse contexto a perene iniquidade social em saúde com esse grupo de indivíduos marcados pela falha nas demandas de saúde e de experiências identitárias, geram apenas vulnerabilidades, afastamento social, depreciação e menos-valia.

Conclusão: O preconceito contra a comunidade LGBTQIA+ é a principal causa de sua associação à MKP, havendo a negativa direta, cientificamente comprovada, de um contágio diferencial marcado por HSH. Embora existam dinâmicas sexuais características e identitárias desse grupo, sua existência não justifica a associação preconceituosa à patologia feita pelas autoridades vigentes.

O PROTAGONISMO DA ARTETERAPIA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL DE JOVENS PARTICIPANTES DE UM PROJETO DE EXTENSÃO

LUIZ FELIPE FAÇANHA RAMOS[1]
BIANCA PAULA MIRANDA MARTINS[1]
NÁDIA GABRIELA LEITE CRUZ[1]
PEDRO HENRIQUE DE MAGALHÃES COSTA[1]
VINÍCIUS MACIEL VILHENA
SELMA GOMES DA SILVA[2];

1. *Discente de Medicina pela Faculdade Atenas Sete Lagoas-MG*
2. *Médica pelo Centro Universitário FIPMoc (Faculdade Integrada Pitágoras)*

Palavras-chave: Arteterapia; Saúde Mental; Medicina Complementar.

Introdução: A arteterapia é um processo terapêutico que utiliza a arte como expressão do autoconhecimento e de emoções internas, configurando-se como potencial recurso à promoção da saúde mental, o que é fruto, no Brasil, do trabalho precursor de psiquiatras que contribuíram para o desenvolvimento de uma abordagem revolucionária frente à loucura através da perspectiva artística. Nesse viés, é necessário verificar se o papel desse viés artístico impacta e promove saúde mental dos jovens.

Objetivo: Analisar os impactos da arteterapia por meio de atividades artístico-culturais e rodas de conversa na promoção de saúde mental de jovens participantes de um programa de assistência à juventude de baixa renda vinculado a um projeto de extensão de uma universidade pública.

Metodologia: Trata-se de um estudo de abordagem quali-quantitativa, em que analisou a contribuição das atividades do projeto como instrumento terapêutico, por meio de questionário socioeconômico, de entrevistas semiestruturadas por plataformas digitais e de avaliação de impacto, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ademais, foi possível a investigação durante todas as programações, com a análise dos discursos desses jovens, por meio de relatórios por atividade. Reforça-se que o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com anuência institucional.

Resultados: Ocorreram 10 encontros durante 8 meses (50% foram artísticos-culturais e 50% foram rodas de conversa), com uma média de 54 participantes por cada intervenção. O questionário socioeconômico apontou que 63% dos participantes eram do sexo feminino e 37% do sexo masculino. No que cabe à etnia, 81% se considera pardo, 13% branco e 6% preto. Quanto à idade, 50% tem menos que 18 anos, 44% tem entre 18 e 24 anos e 6% entre 25 e 29 anos. Sobre a renda, 50% recebem até um salário mínimo (SM), 19% entre 1 e 2 SM, 19% não possui renda que atinja um SM e 12% recebe entre 2 e 5 SM. No que tange às entrevistas, dos 16 que aceitaram ser entrevistados, percebeu-se que a maioria mencionou o autoconhecimento e a canalização das emoções como resultados positivos da arteterapia como recurso terapêutico, além de melhora no desenvolvimento pessoal e autoestima, o que também foi identificado nos relatórios dos discursos durante as rodas de conversa. Ainda, a avaliação de impacto ao fim do projeto mostrou que para 87% dos participantes as intervenções artísticas (práticas circenses, cineclubes, oficinas de dança e de música) tiveram maior influência nesse processo complementar de saúde, além de que houve melhora da saúde mental de 74% dos jovens**.**

Discussão: O projeto extensionista democratizou o acesso da comunidade à universidade pública e reforçou que a arte atua na promoção da saúde, ao favorecer o autoconhecimento e a percepção do adoecimento psíquico, o que foi atestado nos instrumentos usados pelo estudo. Além disso, o saber artístico evoca a liberdade de expressão, também sustenta a autonomia criativa, amplia o conhecimento sobre o mundo e impacta positivamente na saúde mental, principalmente por práticas artístico-culturais.

Conclusão: Constatou-se, então, que a arteterapia protagoniza positivamente como instrumento terapêutico e promove a saúde mental, por meio de incentivo ao autoconhecimento e canalização das emoções, assumindo papel complementar ao bem estar físico-emocional de jovens.

OBESIDADE DE INÍCIO RÁPIDO, DISFUNÇÃO HIPOTALÂMICA, HIPOVENTILAÇÃO E SÍNDROME DE DESREGULAÇÃO AUTONÔMICA (ROHHAD) COMO DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL DE OBESIDADE PEDIÁTRICA.

SOPHIA CAVALCANTE MITIDIERI[1]
JOANNE CONCEIÇÃO MARTINS ARAGÃO COSTA DIAS[1]
FELIPE ELETO OLIVEIRA DOS REIS[1]
MARCOS CAUÃ SENA DE ANDRADE[1]
CAROLINE GOUVEIA BORBA E SOUZA[1]

1. *Universidade Tiradentes (UNIT)*

Palavras-chave: Criança; Hipoventilação; Obesidade; Pediatria.

Introdução: A síndrome da Obesidade de Início Rápido, Disfunção Hipotalâmica, Hipoventilação e Síndrome de Desregulação Autonômica (ROHHAD) é uma doença crônica rara de etiologia ainda incerta, mas com complicações que abrangem o sistema nervoso central, respiratório e endócrino dos pacientes na primeira infância. Ainda que seja inicialmente descrita como "Síndrome da Hipoventilação Central de início Tardio com Disfunção Hipotalâmica" em 1965, seu quadro clínico semelhante ao da obesidade não sindrômica infantil e sua complexidade multifatorial é um desafio entre os diagnósticos diferenciais, sendo de extrema importância aprofundar os estudos sobre sua detecção precoce para auxiliar no manejo e prognóstico dos pacientes afetados.

Objetivo: Entender a ROHHAD como diagnóstico diferencial de obesidade pediátrica.

Metodologia: Realizou-se uma revisão integrativa de literatura nas bases de dados PubMed, Scielo, Lilacs e Medline com os descritores em inglês e português "Síndrome da Hipoventilação por Obesidade", "Criança" e "Obesidade Pediátrica", obtendo um total de 1824 artigos. Os critérios de inclusão foram as obras publicadas entre 2018 e 2023 com os estudos voltados para crianças afetadas pela síndrome entre os 0 aos 15 anos. E os de exclusão, foram os artigos que não correspondiam ao objetivo proposto e apresentavam duplicatas, havendo um total de 26 artigos lidos na íntegra e selecionados 8 para revisão após triagem.

Resultados: Dos artigos selecionados, 88% apontava o ganho de peso de início súbito como queixa principal da ROHHAD com difícil distinção entre as outras causas de obesidade pediátrica. Entretanto, 12% apontou o início da síndrome sem queixas sobre o aumento no IMC mas, que cursaram com outras disfunções autonômicas.Discussão: Após a análise dos artigos foi possível determinar que a etiopatogenia da síndrome de ROHHAD ainda permanece incerta, mas a presença de bandas oligoclonais de autoanticorpos ZSCAN 1 no líquido cefalorraquidiano e infiltrados de células imunes no cérebro, incluindo hipotálamo e tronco cerebral, podem ser importantes biomarcadores da síndrome por indicarem defesa autoimune contra as próprias células do eixo hipotálamo-hipófise. Ademais, 88% dos estudos apresentaram quadros que começaram com hiperfagia acompanhado do rápido ganho de peso, IMC acima de 30 kg/m2 na infância, além de episódios de roncos ou pausas respiratórias durante o sono sem a percepção da dispnéia, e pressão arterial elevada, que cursam por conta da disfunção do eixo hipotálamo-hipófise. Não obstante, a evolução do quadro pode ser permanente e acompanhada de uma disfunção endócrina que provoca diabetes insipidus, hiperprolactinemia, deficiência de GH, hipotireoidismo central, insuficiência renal secundária e/ou puberdade precoce ou tardia e, além disso, apresenta 40% de risco de parada cardiorrespiratória com potencial mortalidade. Por isso, é importante que o pediatra reconheça precocemente suas manifestações como diagnóstico diferencial das obesidades não sindrômicas infantis por cursar com sintomas iniciais similares mas com uma alta taxa de morbimortalidade.

Conclusão: Destarte, é indubitável a necessidade de aprimorar o eixo técnico e científico no manejo da síndrome de ROHHAD para obter mais dados clínicos e epidemiológicos sobre sua fisiopatologia para, assim, estabelecer essa condição grave como um diagnóstico diferencial da obesidade infantil einiciar precocemente os cuidados necessários.

PERFIL DE CASOS DE TUBERCULOSE NO AMAZONAS DE 2013 A 2022: UM ESTUDO ECOLÓGICO

JANAÍNA DE OLIVEIRA E CASTRO[1]
LYNDA BECKMAN DO CARMO[1]
BRUNA GUIDO DO NASCIMENTO BARRO[1]
ANA BEATRIZ VIEIRA DA SILVA[1]
MARCUS VINÍCIUS ATHAN CASTANHO[1]
FRANKLIN SIMÕES DE SANTANA FILHO[2]

1. *Discente de Medicina, Universidade Federal do Amazonas*
2. *Departamento de Saúde Coletiva, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Amazonas*

Palavras-chave: Tuberculose; Perfil Epidemiológico; Populações vulneráveis.

Introdução: A tuberculose (TB) é uma doença infectocontagiosa causada pela bactéria Mycobacterium tuberculosis, também conhecida como bacilo de Koch. Por ser um sério problema de saúde pública, as Nações Unidas priorizaram como objetivo erradicar com a epidemia de TB até 2030. No entanto, o Amazonas é atualmente o estado com maior incidência de TB no Brasil. Dessa forma, analisar os casos de TB no Amazonas, em diversos recortes cronológicos possibilita melhor compreensão da dinâmica de distribuição e variações da extensão e gravidade dos casos, favorecendo o melhor entendimento do impacto dessa doença na região, especialmente em populações vulneráveis e áreas críticas do ponto de vista socioeconômico.

Objetivo: Caracterizar os casos de TB no estado do Amazonas, discutir fatores de risco e mortalidade da doença.

Metodologia: Estudo ecológico descritivo dos casos de TB e observados no estado do Amazonas de 2013 a 2022. O Sistema de Informação de Agravo de Notificação (SINAN) foi utilizado, sendo filtrado sexo, idade, faixa etária, presença de HIV, forma, situação de entrada, e desfecho da doença. A estatística descritiva foi realizada utilizando o programa Microsoft Excel. Dispensa de Termo de Autorização pelo Comitê de Ética por utilizar dados de acesso irrestrito.

Resultado: Foram registrados 34.207 casos novos de TB entre 2013 a 2022 no estado do Amazonas. Foi observado: sexo masculino em 62,5% (21.390) dos casos, faixa etária de 20 a 39 anos de idade em 43,7% dos casos (14.962), e o teste HIV positivo em 10,7% dos casos (254). A classificação pulmonar corresponde a 84,2% (28.819) dos casos, contra 11,6% (3.989) extrapulmonar. No entanto, em pacientes HIV positivo, a porcentagem de TB extrapulmonar aumenta para 19,8% (792). Já em relação ao desfecho da doença 21.494 (62,8%) dos pacientes foram curados, enquanto que 4.714 (13,7%) realizaram o abandono do tratamento. Os óbitos por TB totalizam 1.201 (3,5%), sendo 68,9% (828) do sexo masculino e 51,8% (622) com faixa etária de 20-59 anos.

Discussão: O grande número de casos de coinfecção TB-HIV observado pode ser vista como uma insuficiência da Atenção Primária no estado de realizar promoção em saúde e prevenir infecções sexualmente transmissíveis (IST's), principalmente em populações mais jovens. Os óbitos observados na literatura têm um foco em indivíduos jovens e do sexo masculino, como observado no presente estudo. A associação do gênero masculino e das más condições socioeconômicas com alta mortalidade por TB tem sido observada na literatura, refletindo efeitos comportamentais (não adesão ao tratamento, alcoolismo, tabagismo), demográficos (baixo acesso ao sistema de saúde, desemprego, moradia precária), e a presença do HIV no curso da doença. As limitações do presente estudo referem-se ao uso de dados secundários e consequente vulnerabilidade à subnotificação da doença e dados omissos.

Conclusão: A alta coinfecção TB-HIV e número de óbitos de TB no Amazonas representam um grave problema de saúde pública. Para mudar essa realidade, são necessárias o fortalecimento da Atenção Primária de Saúde, com realização educação em saúde sobre sintomas da TB e prevenção de IST's, assim como incentivo de testagem para IST's e rastreio efetivo de TB.

SUICÍDIO NO ESTADO DO PARÁ: ANÁLISE DA TENDÊNCIA TEMPORAL ESTRATIFICADA POR RISCOS (2010-2020)

JULIANA DA COSTA LIMA[1]
ERICK CLAYTON GONÇALVES FEIO[2]
THAYSE MORAES DE MORAES[2]
PEDRO ÍCARO AMORIM GOMES[3]
RONALDO MONTEIRO VERAS[3]
ANA BEATRIZ MORAES BASTOS DAMASCENO[4]

1. *Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ)*
2. *Universidade do Estado do Pará (UEPA)*
3. *Universidade Federal do Pará (UFPA)*
4. *Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA)*

Palavras-chave: Suicídio; COVID-19; Epidemiologia; Mortalidade; Saúde pública.

Introdução: O suicídio é um fenômeno complexo influenciado por fatores sociais, psicológicos, culturais e biológicos. Após a pandemia do COVID-19, os casos de suicídio aumentaram na região Norte, incluindo o Estado do Pará, tornando-se um grave problema de saúde pública no estado.

Objetivo: Analisar a tendência temporal e perfil epidemiológico da mortalidade por suicídio no Estado do Pará entre 2010 e 2020. Metodologia: foram coletados dados de notificação de suicídio no Pará para pessoas com 15 anos ou mais, usando o Sistema de Informação sobre Mortalidade. Os dados populacionais foram obtidos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A análise temporal foi realizada a partir do modelo de regressão por pontos de inflexão, sendo calculada a variação percentual anual (VPA) e a mortalidade por 100.000 habitantes.

Resultados: Entre 2010 e 2020, foram registrados 2.904 casos de suicídio no estado do Pará. A maioria ocorreu no sexo masculino (79,8%) e nas faixas etárias de 20 a 29 anos (29,7%), 30 a 39 anos (21,5%) e 40 a 49 anos (13,9%). A taxa média de mortalidade anual por suicídio foi de 3,18 (±0,63). Essa taxa foi mais elevada entre os homens (5,05; ±0,97) do que entre as mulheres (1,29; ±0,33), sendo a faixa etária de 20 a 29 anos com a maior taxa de mortalidade média (5,11; ±1,12). Os casos de suicídio no estado do Pará apresentaram uma tendência de crescimento contínuo (2010-2020 VPA = 5,85; $p < 0,05$), com maior crescimento entre mulheres (2010-2020 VPA = 7,71; $p < 0,05$) do que homens (2010-2020 VPA = 5,48; $p < 0,05$). As faixas etárias que apresentaram maior tendência de crescimento foram 70 a 79 anos (2010-2020 VPA = 18,23; $p < 0,05$), seguida das faixas de 40 a 49 anos (2015-2020 VPA = 11,38; $p < 0,05$) e de 15 a 19 anos (2010-2020 VPA = 10,83; $p < 0,05$). A faixa etária a partir de 80 anos apresentou uma tendência estável e as faixas de 30 a 39 anos e 50 a 59 anos não apresentaram tendência significativa.

Discussão: No Pará, a maioria dos casos de suicídio ocorreu em homens, o que é um padrão global devido aos métodos de suicídio mais letais preferidos pelos homens. Embora a taxa de suicídio seja mais alta entre homens, a população feminina apresentou um aumento no número de casos, possivelmente devido a fatores de risco conhecidos, como abuso sexual na infância, dependência financeira e conflitos familiares. Em locais de baixa e média renda, como a região estudada, o aumento da taxa de suicídio entre jovens pode ser atribuído à combinação de fatores como pobreza, desemprego e falta de acesso a serviços de saúde.

Conclusão: O aumento contínuo de casos de suicídio no Estado do Pará, principalmente entre jovens e mulheres, evidencia a necessidade de intervenções precoces e políticas públicas que abordem os fatores socioeconômicos. É fundamental a implementação de serviços de saúde mental adequados e ações preventivas.

USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA BUSCA POR FÁRMACOS INIBIDORES DA CATEPSINA K PARA TRATAMENTO DA OSTEOPOROSE

ARIDÊNIO DAYVID DA SILVA[1]
GIOVANNA AZEVEDO SOUSA[1]
ÁLISSON ARAÚJO GOMES[1]
ADRISSIA JEOVANA PEREIRA ALMEIDA DOS SANTOS[1]
HELYSON LUCAS BEZERRA BRAZ[1]
MIRNA MARQUES BEZERRA[1]

1. *Universidade Federal do Ceará - UFC Campus Sobral*

Palavras-chave: Osteoporose; Antirreabsortivos; Docking.

Introdução: A osteoporose representa a doença óssea mais comum em todo o mundo, sendo caracterizada por risco aumentado de fraturas, elevando as taxas de morbimortalidade. A ocorrência de efeitos colaterais da terapêutica farmacológica usada para mitigar os danos potenciais da osteoporose limita o uso desses agentes, estimulando a pesquisa de novos compostos. A catepsina K (CatK) é uma proteína expressa pelos osteoclastos cuja inibição aumenta a massa óssea e vem sendo estudada como uma via para o desenvolvimento de novos tratamentos. Nessa perspectiva, os estudos in silico podem ser mencionados como um dos de recursos computacionais usados para o redirecionamento de fármacos e moléculas potenciais.

Objetivo: Este estudo teve como objetivo desenvolver um modelo de inteligência artificial de busca de moléculas potenciais para o tratamento da osteoporose através da identificação de fármacos já aprovados no mercado ou moléculas testadas em ensaios biológicos que tenham como mecanismo de ação a inibição da CatK.

Métodos: O modelo de machine learning foi desenvolvido na plataforma Google Colab em linguagem Python3. As bibliotecas ChEMBL, pandas, numpy e rdkit foram utilizadas para a execução deste modelo. Foi usado o critério de avaliação com base no modelo Quantitative Structure-Activity Relationship (QSAR). O teste de docking molecular foi utilizado para confirmação da ligação das possíveis moléculas descobertas no sistema de inteligência artificial com o alvo CatK. Foi utilizado o recurso computacional Autodock Vina 1.2. ANOVA one-way seguido de Tukey que foi utilizado para análise dos resultados.

Resultados: Foram encontrados 3 inibidores em potencial, sendo um já relatado na literatura e dois novos ainda não referenciados, que apresentaram maior afinidade molecular com a CatK do que o composto já conhecido. Além disso, todas as estruturas apresentaram um IC50 menor que 1 nM, dado esse que é considerado como moléculas de forte efeito e interação de alta afinidade.

Discussão: A ocorrência de efeitos colaterais no tratamento farmacológico da osteoporose, como fraturas e eventos cardiovasculares, limita o uso dessa terapêutica. Nessa perspectiva, a busca por fármacos livres desses efeitos colaterais mostra-se extremamente necessária. As drogas encontradas podem ser de grande ajuda no tratamento da osteoporose, ainda seja necessária mais pesquisa quanto as características desses fármacos. Contudo, as moléculas referenciadas como novas apresentam bons resultados no estudo in silico, o que pode ser considerado um resultado preliminar favorável e que instiga a continuidade do estudo.

Conclusão: Com base neste estudo, foi possível demonstrar o efeito de interação de 3 estruturas agonistas descobertas e redirecionadas por inteligência artificial com potencial de atividade na proteína CatK, proteína de grande importância envolvida na osteoporose. O conhecimento obtido com este estudo poderá ser usado como uma importante ferramenta farmacológica para outras doenças.



Anais do 58° Momento Científico

Joinville - Santa Catarina
2023